



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

ISSN: 2448-2722

ENSAIO SOBRE A CULTURA DO DISCIPULADO NO MINISTÉRIO COM JOVENS

Essay über die Kultur der Jüngerschaft im Dienst mit der Jugend

Antonio Hugo Lopes Lima *

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6387347582971457>

RESUMO: Atualmente, o ministério de jovens executado por muitas igrejas enfrenta dificuldades em como lidar com uma geração cada vez mais complexa. Não poucas igrejas estão sem um alvo definido e claro em seu trabalho com os jovens. Pela ausência de um alvo, tem sido oferecido aos jovens entretenimento. Em virtude disso, há uma real necessidade de se resgatar o discipulado no ministério com jovens.

Palavras-chave: Igreja; Ministério; Discipulado; Jovens; Cultura.

ZUSAMMENFASSUNG: Derzeit steht die Jugendarbeit in vielen Gemeinden vor Schwierigkeiten im Umgang mit einer immer komplexer werdenden Generation. Vielen Gemeinden fehlt in ihrer Arbeit mit jungen Menschen ein klar definiertes Ziel. Aufgrund des Fehlens eines Ziels wurde den jungen Leuten Unterhaltung angeboten. Aus diesem Grund besteht in der Jugendarbeit ein dringender Bedarf die Jüngerschaft wieder zu beleben.

Schlüsselwörter: Gemeinde; Dienst; Jüngerschaft; Jugend; Kultur.

* Bacharel em Teologia e Especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Mestre de Artes em Ministério pela Carolina University, nos EUA. Contato: jesustocoume@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

A geração atual é fortemente marcada pelo entretenimento. As mídias digitais, por exemplo, têm proporcionado uma série de formas de atrair a atenção dos jovens. A igreja busca cumprir o seu papel no alcance de almas para Cristo. O líder da igreja sabe que uma juventude pode trazer vigor à comunidade eclesial no tempo presente e ser ainda uma base sólida para o futuro da igreja.

Há um interesse em alcançar os jovens, logo, os líderes que cumprirão com essa demanda, esforçam-se para atraí-los para a igreja. Uma vez que já se alcançou alguns, a preocupação passa a ser também em preservá-los no seio da igreja, a fim de que eles não sejam novamente atraídos ao mundo do qual vieram.

Com tudo isso em consideração, as igrejas, por meio de seus líderes, se empenham em grandes programações, as mais criativas possíveis, a fim de nutrir a atenção desse público e motivá-los a continuarem saindo de suas casas em direção à igreja nas sextas ou sábados à noite. As programações elaboradas vão desde “noite de pizza” até “festival de talentos”.

Mas surge uma pergunta: estaria a igreja cumprindo com o seu papel principal no ministério cristão com os jovens? O papel de qualquer ministério cristão é o discipulado de vidas e a condução de tais vidas a uma maior identificação com o Senhor Jesus Cristo. Para tal, na igreja do século XXI, faz-se necessário o retorno ao discipulado cristão. É preciso que se estabeleça a cultura do discipulado outra vez. O fazer discípulos deve tornar a ser o principal alvo do encontro com jovens. Há uma necessidade de se investir em tal ensino e utilizar um método eficaz para impactar vidas: o relacionamento pessoal.

1 - A CULTURA DO DISCIPULADO

Uma cultura é um conjunto de crenças, valores e práticas compartilhadas. Assim como toda comunidade possui uma cultura, deve-se esperar o mesmo de cada igreja (PIERRE; REJU, 2015, p. 38). Partindo dessa afirmativa, pode-se anunciar que embora toda igreja possua uma cultura, nem toda igreja enxerga em seu ministério de jovens uma oportunidade de se estabelecer uma cultura do discipulado. A razão para isso é diversa. A igreja sabe que o mundo é atrativo, que ele dispõe de muitos encantos para quem quer que seja, mas de uma forma mais forte aos jovens, por isso alguns líderes de jovens compreendem que a igreja deva mostrar-se atrativa de igual modo, ou melhor, de maior modo. Para tal, são propostas inúmeras formas de entretenimento aos jovens, como “noite da pizza”, “noite de esquetes”, “festival de talentos”, etc. Não que haja pecado em cultivar tais programações, todavia, não se pode perder o alvo principal do encontro com tais jovens, o discipulado.

O fazer discípulo é uma forma de glorificar a Deus. A Escritura informa que fazer discípulos é uma tarefa de ambos, pastores e membros da igreja (PIERRE; REJU, 2015, p.39). Portanto, o ministério com jovens de uma igreja já deve apontar como distintivo que o alvo da igreja é proporcionar um discipulado ativo (PIERRE; REJU, 2015, p. 41). A meta de qualquer ministério cristão não deve estar desassociada da grande comissão estabelecida por Jesus nos evangelhos. O texto de Mateus 28.19-20, declara: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo. Amém” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.1052). O imperativo no grego está sob ação de fazer discípulos. Inclusive, só há um imperativo nos versículos mencionados, acompanhado de três

participios. Carson explica que: “No grego, ‘ir’ – como ‘batizar’ e ‘ensinar’ – é um participio. Só o verbo ‘fazer discípulos’ é imperativo.” (CARSON, 2010, p. 688).

A igreja pode ter sua programação de jovens em um estilo comum a essa faixa etária. Deve-se, sendo possível, desenvolver programações temáticas diversas ao longo do ano, sem nenhum tipo de problema, mas em tudo o que for feito, deverá ser questionado por parte de seus líderes de jovens, o seguinte: como essa programação contribui para o nosso alvo maior de conformar esses jovens a verdadeiros discípulos de Cristo? Não é exagero considerar essa pergunta investigativa, antes é uma forma zelosa de se precaver de que não haverá um distanciamento do alvo, ou quando não a sua perda total.

Outro dia, ouvi a respeito de uma programação de jovens em que foi distribuído a todos os jovens participantes um kit filme, constituído de chocolate, batatas fritas e coca cola. Mesmo em uma época de encontros assíncronos, em virtude da pandemia, os líderes de jovens fizeram questão de levar até a casa de cada um de seus liderados o kit. Achei superinteressante e, de pronto, questionei qual tinha sido o filme assistido por eles no Netflix. A resposta foi um filme que não me pareceu ser aquele escolhido a dedo para uma programação de jovens. Quando perguntei como tinha sido feita a escolha da obra cinematográfica, a jovem me disse, para minha inteira surpresa, que a escolha se deu de forma aleatória, no próprio dia e minutos antes de assisti-lo. O que obviamente não me pareceu nada sábio por parte dos líderes da programação.

Houve uma atitude amorosa na programação? Sim! Foi criativo? Sim! Era no estilo de jovens? Sim! Tinha o alvo de cooperar para o discipulado deles? Não! Quando se perde o foco do alvo, perde-se a oportunidade de adicionar mais um tijolo na formação de discípulos. Não é que não haja outras oportunidades de fazê-lo, e sim de que o ministério de jovens deve ser conduzido de forma consciente e sabendo o que se faz e onde se deseja chegar.

Uma cultura de discipulado não é algo simples de ser implantado, considerando que uma mudança dessa não ocorre de um dia para o outro. É necessário estipular essa mudança em longo prazo e ser paciente com as mudanças graduais. É importante que se estabeleça alvos simples para se administrar as expectativas quanto ao cumprimento de fazer discípulos (PIERRE; REJU, 2015, p. 54). A cultura do discipulado é algo a ser estabelecido em um ministério de jovens. O fazer discípulos é o alvo. É válido que se tenha o alvo e o mantenha sempre à vista, assegurando que ele será alcançado.

2 - O ALVO DO DISCIPULADO

Com discipulado, deseja-se falar sobre o compromisso exclusivo com a pessoa de Cristo. Um cristianismo sem discipulado incorre em um cristianismo sem Cristo. A importância de Cristo para o discipulado se dá pela impossibilidade de um cristianismo à parte de Cristo, uma vez que é exatamente Cristo quem faz o chamado ao discipulado (BONHOEFFER, 2016, p. 34).

Uma aceitação a voz de Cristo deve implicar em uma negação a todas as demais vozes, uma vez que Cristo menciona e João 14.6 nos revela: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1143). Jesus reivindica uma exclusividade aos discípulos. Essa verdade deve ser enfatizada aos jovens em uma igreja. Seguir a Jesus é dizer não ao Budismo, ao Hinduísmo e a toda sorte de outros líderes que se mostraram como guias em assuntos espirituais.

No ano de 2019, precisei confrontar uma jovem luterana que se dizia discípula de Cristo, enquanto cultivava uma aceitação a religiosidade do hinduísmo. Na ocasião, ela havia postado uma foto de uma mesa iluminada por

uma vela, a qual deixava em evidência uma Bíblia aberta e uma estatueta de uma entidade hindu. A postagem em seu *story* no *Instagram* acompanhava os seguintes dizeres de Paulo em sua segunda carta à igreja de Tessalônica: “Orai sem cessar” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1265). Eu me vi na obrigação de comunicá-la que sendo ela alguém que se dizia uma discípula de Jesus, ela não poderia cultuar ao Deus Filho e ainda venerar uma religião que propunha um outro caminho. Ao que ela respondeu que simpatizava com as duas religiões. Repliquei com as palavras de Jesus em João 14.6 e expliquei que a fé cristã, estabelecida por Cristo, reivindicava uma adoração exclusiva. Ao que ela me disse que embora entendesse minha argumentação, não concordava com ela.

Mas pela graça de Deus, isso não é generalizado, um exemplo é o também luterano, mas já falecido, Dietrich Bonhoeffer, o qual explicou que o discipulado representa uma união com Cristo de tal modo que há uma adesão não somente a lei de Cristo, mais ainda uma conformação com a sua cruz. Mas nesse caso, a cruz é um sofrimento necessário, como fruto da união com Cristo (BONHOEFFER, 2011, p. 62-63).

Todo aquele que fizer uma pequena busca sobre o que significava ser cristão no primeiro e segundo século, verá como os cristãos de verdade se portavam. Aderir à fé cristã era estar disponível à morte se preciso fosse. Não que tais pessoas quisessem morrer, mas elas preferiram morrer quando tiveram que escolher entre Cristo e as suas próprias vidas. Elas não puderam viver, pois para elas já não existia vida senão com Cristo e por Cristo. Ferreira exemplifica esse compromisso ao relatar o testemunho de Policarpo, como é dito:

De novo o procônsul insistiu dizendo-lhe que, se jurasse pelo imperador e maldissesse a Cristo, ficaria livre. Mas Policarpo respondeu “Vivi 86 anos servindo-lhe, e nenhum mal me fez. Como poderia eu maldizer ao meu rei, que me salvou?” (FERREIRA, 2014, p. 35).

Posteriormente, Policarpo foi queimado vivo na idade avançada de 86 anos, provavelmente, no ano de 155 d.C., no dia 23 de fevereiro, em um domingo (FERREIRA, 2014, p. 35-36). Como Policarpo, houve inúmeros outros exemplos ao longo da história da fé cristã. Por isso, hoje é uma desilusão ver jovens abraçando a fé, mas dispensando o discipulado. Quantos artistas nos últimos anos, no Brasil e no mundo, aceitaram Cristo, mas rejeitaram os mandamentos de Cristo? Os tais preferiram receber a Cristo como Salvador, mas não como o Senhor de suas vidas.

É preciso enfatizar mais e melhor o que realmente significa o discipulado. Entrar no discipulado é entregar-se à morte de Jesus, no sentido de colocar a própria vida à disposição da morte. A cruz não é o fim de uma vida feliz e piedosa, e sim, o início da comunhão com Cristo. O chamado de Jesus para tomar a cruz e segui-lo coloca cada discípulo na comunhão do perdão e dos pecados. Esse perdão dos pecados é o sofrimento de Cristo que ele impõe ao discípulo, logo, é compartilhado com todos os cristãos (BONHOEFFER, 2016, p. 64-65).

Atualmente, há quem encontre status em se dizer discípulo de Cristo. Observei que geralmente quando uma personalidade conhecida adere a uma fé, muitas vezes a escolha é qual? O cristianismo! Chegamos aos dias quando se tornou moda ser um seguidor de Cristo. Há um tempo, assisti um jogador de futebol sendo entrevistado pela Regina Casé, em seu programa global "Esquenta". Ela o questionou como era lidar com a fé e as baladas comuns aos jogadores de futebol em seu tempo de folga, ao que o jogador em questão respondeu que não havia problema algum, ele seguia indo como sempre foi.

Mas isso nada tem a ver com o discipulado. O chamado ao discipulado implica em rompimento com o mundo e a vida anterior que se levava. Não é o discípulo quem provoca esse rompimento, mas o próprio Senhor do discípulo. É impossível seguir a Cristo sem reconhecer e aceitar esse rompimento. Jesus

Cristo faz romper as relações diretas que o discípulo outrora possuía, a fim de que na nova fase que foi iniciada Cristo possa estar como mediador não só entre Deus e o ser humano, mas ainda entre ele e toda a realidade à sua volta. Contudo, esse rompimento possui a sua recompensa. É certo que cada um entra sozinho no discipulado, mas uma vez que lá se encontra, percebe-se que não se está sozinho, mas dentro da comunhão da igreja que o faz herdar cem vezes mais tudo aquilo que foi perdido com o rompimento (BONHOEFFER, 2016, p. 69-70, 76).

O jovem de hoje precisa ter essa consciência que se voltar para Cristo é dar às costas a tudo o que não traz glória a Cristo e nem está de acordo com os seus mandamentos. Isso deve gerar uma luta interna, pois se trata de uma completa mudança, uma exata transposição, tal qual mencionada por Paulo em Colossenses 1.13, onde se diz que os cristãos, entenda-se, os discípulos, são transferidos do poder das trevas para o reino do Filho do seu amor. Portanto, essa mudança abrupta causará os seus transtornos que são totalmente compreensíveis, mas é certo que as recompensas satisfarão muito mais do que o esperado. Essa deve ser a esperança do jovem discípulo.

A grande recompensa que aguarda os discípulos é a de que eles serão iguais a Cristo, pois esse é o destino dos discípulos, o conformar-se à imagem do Senhor que os vocacionou. Esse é o último destino do discípulo. Tal glória só poderá ser desfrutada por aqueles que primeiramente se conformaram com o Jesus Servo e sofredor, ou seja, o Cristo que foi crucificado e rejeitado no mundo (BONHOEFFER, 2016, p. 248, 251).

Além do que foi dito aqui por último, pode-se afirmar sem medo de estar sendo infeliz na colocação que se o discipulado pode ser transmitido por meio de um binômio, tal binômio é igual a: ensino + relacionamento. Discipulado pressupõe que alguém está na função de mestre ou professor e um outro na

posição de discípulo ou aprendiz. Portanto, deduz-se que o discipulado possui em sua essência a relação envolvendo pelo menos dois seres, um professor e um aluno, e ambos no contexto de ensino. O ensino é o primeiro elemento em nosso binômio.

3 - O ENSINO DO DISCIPULADO

Se há um trabalho de discipulado a ser desenvolvido com um grupo de jovens na igreja, certamente a expectativa diante disso é a de que haverá ensino. Fazer discípulo envolve instrução e instrução subentende ensino (PIERRE; REJU, 2015, p. 45). O programa com jovens deve refletir a maneira como estes aprendem. Dois focos devem estar presentes. Primeiro, o evangelismo, isto é, o alcance deste grupo, conduzindo-os a um compromisso com Jesus Cristo, como Salvador e Senhor de suas vidas. Segundo, o discipulado, sendo este ato de levá-los ao crescimento na Palavra de Deus, habilitando tais jovens a compartilharem da sua fé (CHOUN Jr., 1999, p. 157). A meta do ensino aos jovens deverá possibilitar que eles conheçam a Jesus e orientá-los sobre não somente conhecê-lo, mas ainda fazê-lo conhecido (CHOUN Jr., 1999, p. 159).

Observamos nos evangelhos que Jesus em seu ministério de discipulado agiu como um professor por excelência, preparando os discípulos que posteriormente seriam os apóstolos responsáveis por lançar os alicerces da igreja, conforme anunciado por Paulo em Efésios 2.20. No que toca ao ministério com jovens, o anúncio de algum tipo de ensino é o esperado. Por se tratar de jovens, quanto mais dinâmico e criativo se der esse ensino, melhor será. Poderá ser uma lição por meio de uma reflexão ao final de um filme, fazendo alguma ponte com uma verdade bíblica ou uma discussão que surgiu a partir da leitura

de um versículo em Eclesiastes. A forma pode variar, desde que não se afaste do alvo de conduzir os jovens a viverem de acordo com a Palavra de Deus.

Os jovens precisam ser encorajados a crerem na Palavra de Deus, mas para que isso aconteça, as pessoas precisam ser instruídas pela Bíblia regularmente (PIERRE; REJU, 2015, p. 46). Esse é um desafio e tanto, a considerar a geração pós-moderna em que tais jovens se encontram, que se mostra hostil àqueles que reivindicam ter uma interpretação correta de um texto inspirado e depositam sua fé em uma verdade objetiva que se aplica a todos os povos e culturas (MORLEY, 2005, p. 201). Esse cenário representa sem dúvida uma forte oposição ao fazer discípulo no século XXI.

Só o ensino de verdades sólidas poderá formar jovens fortes para os tempos turbulentos em que eles se encontram atualmente. O preparo de um cronograma de ensino para um ministério de jovens não pode ser feito de modo desleixado e esperar forjar jovens habilitados. Isso seria muita ingenuidade. Deve-se ter em mente que os adolescentes de hoje serão os líderes de amanhã. Essa é a razão de se buscar a excelência no ensino para os jovens (CHOUN Jr., 1999, p.149).

Recordo-me que no ano de 2013, quando servi como presidente da mocidade na minha igreja, a qual possuía uma frequência de cinquenta jovens, tínhamos o objetivo de estabelecer uma temática a ser aplicada ao longo do ano. Nossa meta era envolver esse grupo na comunhão com Deus. Pensando nisso, elaboramos uma série de estudos com diversos preletores, sendo os seguintes temas: comunhão com Deus por meio da Palavra; comunhão com Deus por meio da oração; comunhão com Deus por meio do serviço, seguindo essa linha previamente projetada de acordo com o nosso alvo.

O valor do ensino é porque ele proporciona aprendizagem. A aprendizagem por sua vez opera mudanças na forma de pensar, sentir e agir

(HENDRICKS, 1991, p. 94). Essas mudanças devem ser canalizadas ao alvo de fazer discípulos conformados à imagem e semelhança de Cristo. Deus decidiu transformar seus servos por meio da Palavra. Essa é a razão de estudá-la com afinco. Não há meio mais fácil (HENDRICKS, 1991, p. 99).

É válido ainda considerar o papel de quem trabalha com os jovens, pois ele necessita estar bem-preparado também para a sua missão. O líder ou professor desta categoria precisa conhecer bem a Bíblia, não sendo somente uma parte aqui e outra acolá, mas ser alguém que conheça o conteúdo integral da Bíblia, sabendo lidar com ambos os testamentos (PRICE, 2008, p. 81).

O professor de jovens encontrará um enorme proveito em seguir o exato modelo de Jesus em sua forma de conduzir o seu ministério de ensino. Jesus usava os aspectos da natureza, ou seja, assuntos relacionados à vida comum e os utilizava para cumprir os seus propósitos de ensino. Tudo o que estava à mão, servia como fonte para extrair lições e ministrar aos seus discípulos (PRICE, 2008, p. 81-83). Além disso, Jesus possuía um ensino criativo de modo a fazer apelo à imaginação de seus ouvintes. Esse foi um método muito eficaz, uma vez que as informações que apelam à imaginação despertam o interesse e ficam gravadas na memória (PRICE, 2008, p. 86).

O professor de jovens deve estar consciente de que o ensino é vital quando se está lidando com o discipulado. Jesus ilustrou isso como ninguém por meio do conteúdo que ensinou. Há ainda uma preciosa faceta no ministério de Jesus em lidar com seus discípulos. Jesus além de possuir um ensino forte, no que diz respeito ao conteúdo, acrescentou um alto teor de relacionamento interpessoal. O método pessoal de Jesus também lhe serviu de base no processo de fazer discípulos. O relacionamento é o segundo elemento dentro do binômio do discipulado.

4 - O RELACIONAMENTO NO DISCIPULADO

O renomado professor Howard Hendricks investiu tempo em uma área que lhe trouxe muitos bons resultados: o relacionamento. É dele a lição de que o ensino que impacta uma vida é aquele que se transmite não de uma mente para a outra, e sim de um coração ao outro (HENDRICKS, 1991, p. 91). A mera transmissão do conteúdo via cognição humana é tarefa fácil, todavia, fazer o mesmo pela via do coração é uma tarefa árdua, mas ao mesmo tempo recompensador (HENDRICKS, 1991, p. 92).

Recordo-me que já tive bons professores, no que diz respeito a preparo acadêmico, mas aqueles que realmente causaram uma marca indelével em minha vida foram os que mais se entregaram aos alunos, em sua função como professor. Não se espera que seja diferente no contexto de ministério com jovens em uma igreja. O líder de jovens deve estar ávido por transmitir o que adquiriu em horas de estudo, não é ruim fazê-lo, mas ao fazê-lo deve atentar de cumprir essa função falando aos seus liderados de coração para coração.

Líderes que tencionam causar impacto em seus liderados devem considerar os três conselhos a seguir. Primeiro, conhecer os seus liderados. A importância disso é porque quanto mais se conhece as dificuldades pelas quais passam os seus liderados, mais apto estará para solucioná-las. Segundo, conquiste o direito de ser ouvido. Isso envolve adquirir credibilidade por parte de seu público-alvo. Terceiro, não esconda suas fraquezas. Os seus liderados precisam saber que você é um ser humano como eles o são (HENDRICKS, 1991, p. 100-103).

No que diz respeito a conhecer os seus liderados, torna-se mais fácil para o professor ou pai entender os adolescentes depois de conhecerem as suas características. Vemos no relato de Paulo em Atos 17 que ele demonstra conhecer

bem o público a quem anuncia a pessoa de Deus. É salutar que um líder de jovem atente para essa realidade de conhecer o seu público. Paulo conhecia a formação, cultura e literatura daqueles a quem falava. A reflexão que se chega é que conhecer bem os jovens e o mundo relacionado a eles é o primeiro passo para um ministério bem-sucedido com os tais (CHOUN Jr., 1999, p. 151).

Isso toca no segundo quesito mencionado, sobre o conquistar o direito de ser ouvido. Os jovens vivem em um mundo próprio de sua idade. Seus assuntos e gostos são peculiares na sua faixa etária. Se um líder de jovem busca exercer alguma influência sobre eles, faz-se necessário a construção de pontes com eles. Algumas vezes, essa porta de acesso pode ser um comentário sobre um seriado comum assistido por ambos ou por assuntos gerados na área do futebol etc. Não há problema em se buscar esses meios para se chegar aos jovens. Os líderes deste grupo devem buscar todos os meios disponíveis. O apóstolo Paulo disse em 1 Coríntios 9. 22: "Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele" (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1220).

Embora Paulo estivesse falando sobre salvação de perdidos, não de discipulado, podemos fazer uma aplicação para o esforço em ações, visando o alcance do discipulado. A batalha não termina quando um jovem descrente aceita a Cristo, na verdade é ali que se inicia. O processo de discipulado, ou seja, de conformação à imagem e semelhança de Cristo, é uma labuta ao longo da jornada cristã, onde o líder de jovens responderá por essa faixa etária, para depois passar o bastão para o líder de casais e aí seguindo adiante ao longo da vida.

No que tange a esse terceiro quesito, o de não esconder as fraquezas, o próprio Senhor Jesus ilustrou isso em seu ministério terrestre. Ele não enxergava

os seus discípulos apenas como receptores de doutrina, aos quais Jesus iria desaguar todo o seu conhecimento a respeito do Pai, antes Jesus os viu como amigos, os quais podia compartilhar as suas tristezas, ansiedades e angústias. Jesus também necessitou de amigos confidentes (CLARK, 2010, p. 140). Isso é difícil de ser visualizado em uma sociedade, onde as pessoas evitam mostrar suas fraquezas devido ao orgulho. Muitas vivem de aparência, especialmente nas populares redes sociais. Mas há uma necessidade de que os jovens vejam os seus líderes como seres humanos (CHOUN Jr., 1999, p. 158).

Mas o líder que está buscando estabelecer uma cultura de discipulado entre os jovens, precisa prezar pela autenticidade tão comum em personagens como Jesus e o apóstolo Paulo, o qual podia dizer: "Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte." (Cf. 2 Coríntios 12.10) (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1239).

Todo relacionamento se dá em uma via de mão dupla. O líder que busca conhecer os seus liderados de forma genuína, não sendo de forma mecânica, ou transmitindo um falso interesse, certamente será reconhecido por eles. O líder de jovens que está iniciando o seu lidar com um determinado grupo deverá, antes de tudo, conquistar a confiança de seu público. Isso pode demandar um certo tempo, mas se trata de um pré-requisito a ser estabelecido. Os jovens precisam depositar a credibilidade deles em seu líder. Isso será mais fácil e menos demorado à medida que se comporta com naturalidade perante tais jovens, não fingindo ser o que não é, pois os jovens podem ser inexperientes, mas não são bobos. Eles percebem quando não há autenticidade. Uma vez estabelecido esses três quesitos mencionados, será possível nutrir boas expectativas quanto ao serviço a eles e com eles.

O processo de discipulado de Jesus para com os seus discípulos era permeado pelo relacionamento. Jesus os ensinava, enquanto estava sentado com eles durante uma refeição. Jesus os observava e os incentivava (CHOUN Jr., 1999, p. 158). O fato de Jesus passar tempo com as pessoas de modo individual, fez com que fosse inteiramente natural para ele aplicar individualmente os seus ensinamentos a cada dos seus discípulos (MALONE, 2014, p. 155).

Não deve haver dúvida a respeito da eficácia deste método, pois o próprio Mestre dos mestres o executou. Além disso, não se deve fugir dessa responsabilidade com a justificativa de ausência de tempo, pois Jesus nunca demonstrou que a prioridade do estudo e da ministração pública representasse uma desculpa para ignorar esse trabalho pessoal (MALONE, 2014, p. 149). Jesus não investia muito de seu tempo com os seus discípulos em virtude de não ter o que fazer, mas porque ele queria ganhar o coração de seus discípulos e para que isso aconteça é fundamental a existência de um relacionamento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o ministério com jovens é importante para a igreja. Devido algumas contextualizações em demasia que existe hoje, tem se perdido o principal dever: fazer discípulos. Faz-se necessário retornar à estaca zero, a saber: a grande comissão. A missão da igreja é fazer discípulos. A igreja deve implantar uma cultura do discipulado. Deve ter o alvo fixo de contribuir para a formação de discípulos. O binômio do discipulado, tal qual ilustrado por Jesus em seu ministério, é ensino e relacionamento. Instrução teórica que se transmite de coração para coração.

A igreja poderá, caso queira, pintar suas paredes de preto, colocar uma prancha de Surf no lugar do púlpito, fazer um "louvorzão" mensalmente e tudo o mais que se desejar com o fim de atrair os jovens, buscando comunicar a eles em sua própria linguagem, mas seja o que for, quando for e como for, se não houver um cumprimento do dever de fazer discípulos, isto é, jovens conformados à imagem e semelhança do seu Salvador, todo esse aparato terá sido em vão.

Se a temática do discipulado não for trabalhada, não haverá um despertamento para a sua importância. Não reconhecendo o seu valor, não será um alvo a se buscar. Por fim, nenhum alvo inexistente poderá ser atingido. Mas este é o tempo de se olhar para trás, para a cruz, a fim de que se possa preparar o presente para o futuro.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado.** São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus.** São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

CHOUN Jr., Robert Joseph. Ensinando jovens. In: HENDRICKS, Howard; GANGEL, Kenneth O. **Manual de Ensino para o Educador Cristão.** Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CLARK, Mauro. **Quem é Ele, afinal?** São Paulo: Editora Batista Regular, 2010.

FERREIRA, Franklin. **Servos de Deus**: Espiritualidade e Teologia na história da igreja. São Paulo: Fiel, 2014.

HENDRICKS, Howard. **Ensinando para transformar vidas**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.

MALONE, Fred. Faça o trabalho pessoal. *In*: ASCOL, Tom. **Amado Timóteo**. São Paulo: Fiel, 2014.

MORLEY, Brian K. Entendendo nosso mundo pós-moderno. *In*: MACARTHUR, John. **Pense biblicamente**: recuperando a visão cristã de mundo. São Paulo: Hagnos, 2005.

PIERRE, Jeremy; REJU, Deepak. **O pastor e o aconselhamento**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

PRICE, J. M. **Pedagogia de Jesus**: o mestre por excelência. Rio de Janeiro: SABRE, 2008.